

A D Ú V I D A F U N D A M E N T A L

Claro que ninguém está desmerecido pelo simples fato de usar antenas ou não. Afinal, temos aí os chifres todo-poderosos de uma TV. Afinal, os radares nunca foram tão necessários ao Homem, apesar dos imensos pires voltados para o céu, como se fôsse pingar café de Deus. Muitas coisas possuem antenas, enfim. Porque não o ser humano?

Raspt estava sentado à beira da praia. Não conseguia impedir que suas mãos esfregassem o crânio, certificando-se de que era realmente verdade.

Algo principiava a crescer.

Lentamente duas protuberâncias iam-se formando simetricamente na testa, com a ineludível promessa de que cresceriam mais e mais, mais e mais...

Raspt já ouvia os risos:

- Corno!

- Marciano!

... e tinha vontade, uma vontade louca de acabar com a própria vida. O mar já estava ali, não necessitava de mais nada. Era só jogar-se sem pensar na volta. A natureza facilitaria o desaparecimento daquela aberração. A natureza tinha complexo de infalibilidade, e por isso mesmo trouxera o mar à sua frente: se Raspt morresse, ninguém saberia da Grande Falha. E a Obra do Senhor continuaria a despertar Ohs! entusiasmados.

E no entanto, apesar do oceano imenso e profundo, ninguém trouxera a Raspt coragem suficiente. Suas mãos tremiam de ódio, por uma ou duas vezes esbofeteou-se até o sangue correr. Mas o suicídio estacionara bem longe, seu corpo tinha um dd ee ss ee jj oo, um desejo imenso de continuar vivo, apesar das crenças numa reencarnação mais favorecida, mesmo tendo certeza do paraíso e da imortalidade da alma.

Tocou na testa de novo. Nenhum progresso visível até agora, mas sabia intuitivamente que os chifres continuariam crescendo, crescendo até Deus sabe que tamanho. Talvez pudesse corta-los assim que surgissem realmente, talvez um médico especialista

- ou psicanalista? -

resolveria o agudo problema.

Raspt não se continha de indignação. De uma forma ou de outra, terminaria perdendo seu emprego de contador especializado. E seria o fim de uma - se não brilhante - pelo menos bastante estável carreira. Ah, meu Deus, Raspt poderia ser despedido! Que tragédia pior na face da Terra?

Fôra de manhã - enquanto preparava-se para fazer a barba - que havia notado tão estranha modificação. No início não dera importância, poderia ser um galo, uma pancada que não tivesse notado, uma espinha mais crescida. Poderia ser qualquer coisa, menos algo que lhe merecesse atenção.

Na hora do café, porém, veio aquela avassaladora enxaqueca. O mundo girou, as coisas subiram, e o chão pareceu dar uma volta imensa antes de chocar-se com seu rosto. Não conseguiu desmaiar, e a maldita dor não passava, atirou-se em direção à primeira farmácia e encheu-se de melhoral, mas nenhum resultado positivo. Já estava quase a ponto de enlouquecer quando viu o mar.

O mar.

Um milagre, diria mais tarde. A dor fugira como "um pássaro em busca das águas" (segundo a linguagem floreada de Raspt). Mas os chifres - ou antenas, como preferia chamar - estavam um pouco maiores que antes. As pessoas que se aproximassem muito poderiam notar.

Raspt comprou um chapéu em seu caminho para casa, mas já sabia que nada era tão passageiro como aquele seu precário esconderijo. Ninguém lhe dissera nada, e no entanto ele tinha uma intuitiva, mas absoluta certeza, de que que os chifres - antenas - continuariam crescendo, crescendo, CRESCENDO...

No mesmo instante, mas a quase dez mil quilômetros dali, uma velha - jovem - bruxa parteira olhou com atenção para a criança que acabara de extrair. Era igual a tôdas as outras, exceto aquêles dois pontos negros, incrivelmente negros, que se dispunham simetricamente na testa. Tentou limpá-los, mas em vão. Estavam ali para serem ostensivamente notados, dizendo que não eram obra do acaso, mas algo planejado, minuciosamente planejado. Mara, a mãe, dormia anestesiada pelas dores do parto. A bruxa esperaria que acordasse para contar-lhe o sucedido.

Com inesperada surpresa (se é que uma surpresa pode ser esperada) Raspt leu a notícia-manchete no jornal do dia seguinte. Em vários hospitais da Terra detectados recém-nascidos com manchas negras na testa, o que indicava a possibilidade de transformação da raça humana, ou - o que era mais grave - uma infiltração perigosa de seres vindo do espaço. Os governos anunciavam que manteriam estas criaturas dentro da mais constante vigilância médico-militar, evitando ameaças tão apregoadas pelos contos de ficção científica (muito em moda na época).

As cidades amenheceram agitadas pelo novo acontecimento. Esquinas enchendo-se de conjecturas, vozes exaltadas que pretendiam linchar o primeiro ser estranho que aparecesse, espíritos científicos predizendo a doação destas crianças para Academias, artistas recompensados pela vinda do Superhomem tão apregoado pelo batido filósofo alemão, padres garantindo que era a tal Bêsta 666, judeus agradecidos pela vinda final do Messias, touros comentando com vacas que afinal fêz-se justiça. O Vaticano, através do órgão oficial "Osservatore Romano", divulgou uma nota afirmando que tais criaturas poderiam ser obra do Demônio, principalmente por causa dos chifres, tão comum entre os habitantes do Abismo. De uma forma ou de outra, esperavam-se grandes revelações nas próximas horas, e todos foram trabalhar com o pressentimento de que seriam novamente mandados para casa.

Raspt leu aquilo com certo nêdo e uma grande dose de orgulho. Afinal, se os chifres eram obra de criaturas superiores, ele havia sido o Escolhido, The Chosen, e se fôra escolhido era porque possuía algo que os outros não tinham. "Talvez minha incrível capacidade de notar os mais insignificantes êrros nos livros de contabilidade", pensou, "ou meu físico sempre em forma, que sempre mereceu tôda minha atenção". Talvez mesmo, quem sabe, sua exuberância sexual, pois Raspt era capaz de bater o recorde de vezes numa noite só. Longe de ser o sujeito raquítico que a maioria dos Contadores aparenta, Raspt caminhava pelas ruas com o peito inflado e o livro de exercícios da Royal Canadian Air Force no bolso.

Foi aí que pensou no linchamento. Olhando no espelho, percebeu que a cartilagem óssea de uma dupla de antenas (ou chifres, ou seja lá o que fôr) começava a rasgar a pele arroxeadada.

Em breve não conseguiria mais esconder. E mesmo assim como estava, já era bastante arriscado sair às ruas.

Telefonando para o trabalho, avisou que o vírus de uma doença hereditária o tinha atingido, afinal. Da mercearia providenciou cigarros e gêneros alimentícios suficientes para viver pelo menos um mês naquele quarto. Pela graça do bem amado Deus ainda possuía uma certa reserva financeira no banco, pecúlio que guardava com cuidado e zelo para sua próxima - bem próxima - velhice de solteirão.

Raspt tinha certeza; por enquanto, ninguém desconfiaria de nada. Afinal, aquilo só acontecera com crianças, segundo tivera notícias. Ligando o rádio, preparou-se para as longas (?) férias forçadas.

A ONU anunciava que em benefício da segurança mundial, as crianças nascidas com tal estigma tinham sido sacrificadas no momento que se percebeu o aparecimento de chifres.

Mara não lia jornais, não ouvia rádio, e no entanto estava bastante assustada. Conversou muito com Rani, a feiticeira, e agora tinha a criança dormindo entre os braços, sem saber o que deveria ser feito. Lembrou-se do pai, o sujeito baixinho e quase sem atrativos físicos, mas que ela amara um dia, um dia que não pudera mais resistir, e desde então tudo o que restara era uma semente no óvulo, e um filho saindo entre as coxas. Lembrou-se que o amado partiu um dia sem levar nada, nem mesmo roupa de baixo, bem que poderia ter sido um crime, bem que poderia ter sido assassinado, e Mara acreditava nisto.

Mara acreditava nisto mesmo depois da polícia ter vasculhado todos os cantos sem encontrar sinal do corpo. Mara acreditava nisto porque nunca haviam brigado, ela o amava com respeito, e ele a amava com carinho.

Pensava em tudo isto agora que tinha a criança entre os braços, com os dois pontos negros na testa começando a crescer. Rani dissera que esta noite iria conjurar os espíritos para a libertação de seu filho, e Mara esperava com impaciência que chegasse a noite, pois queria olhar aquela criança como qualquer mãe da Terra, com amor, sem curiosidade, sem suspeitar que poderia ser um monstro, que poderia lhe fazer muito mal um dia. Não, era seu querido filhote, ela o havia parido em meio a fortes dores, e por causa disto o amava, por todo o passado e futuro que havia nos braços daquela criaturinha indefesa, e Mara estava disposta a dar sua própria vida para que nada lhe acontecesse.

A primeira vez que Raspt notou o novo poder foi quando a água fervendo tocou-lhe a mão. Ao mesmo tempo que gritava e sentia o reflexo rápido do músculo sendo puxado para dentro, pôde observar que nenhuma dor o invadira. Ao invés disto, um mundo de côres explodira diante de seus olhos. Experimentou novamente e, se bem que a pele ferisse e encolhesse com a queimadura, o que viu foi um oceano inteiro de sensações deliciosas, inesquecível mergulho através de algo que nunca havia experimentado antes. Bateu com a cabeça na parede e cercou-se de côres que seus olhos jamais haviam tocado. Numa luxúria histérica, Raspt começou a atirar-se em todos os cantos rombudos da sala, e a sensação tornava-se cada vez mais deliciosa, cada vez mais, cada vez mais...

Só quando reparou no soalho manchado de sangue foi que se deu conta do perigo. Já não tinha a defesa da dor para esconder-se atrás. Estava solitário diante de um suicídio delicioso, e quanto mais ferido, maior prazer sentiria. A vontade era incontrollável, e foi somente com muito esforço que conseguiu amarrar-se na cama, enquanto o desejo crescia cada vez mais, cada vez mais, cada vez mais...

Cada vez mais e mais...

Teria um fim, pensava êle, teria um fim. Daqui a pouco tudo haveria de passar, e êle implorou a seu Deus, implorou a seu Deus para que assim o fôsse.

Rani entregou a roupa vermelha para a convalescente mãe, que nem andar direito conseguia ainda. Com a criança abraçada de encontro ao seio, Mara entrou no barraco no fundo do quintal.

"Poucas pessoas devem ter entrado aqui", pensou ela. Poucas pessoas também falavam com Rani, porque ela era uma bruxa, e as bruxas são más. Assim também pensava Mara até que se viu só em seu quarto, com a criança debatendo-se no ventre, e sem ninguém para ajuda-la.

A morte ia chegando perto quando, sem saber como Rani apareceu ao seu lado. Mara preferiria morrer a ter seu filho com uma feiticeira, e no entanto os olhos de Rani estavam tão brilhantes que ela não soube dizer "não", e abriu as pernas para que as mãos carinhosas da bruxa ajudassem seu filho a sair.

Agora ela estava ali, na porta da cabana onde poucas pessoas haviam entrado. Rani só não tinha sido expulsa do povoado porque o Primeiro Chefe dissera, em tempos já esquecidos:

- "No dia em que o mal vencer, o mundo acabará. No dia em que o Bem vencer, o mundo acabará. Enquanto houver luta entre o Bem e o Mal, as pessoas continuarão passeando pela face da Terra".

Rani era o mal. Os aldeões eram bondosos. Por isso Rani existia sem que ninguém a molestasse. O Bem queria adiar um pouco mais sua vitória.

Dentro da cabana as coisas pareciam ter vida. Uma gigantesca mesa coberta com toalha branca, um crucifixo de cabeça para baixo, (Mara apertou o que trazia no peito, pedindo a benção), a estátua do Demônio num altar. Por cima da mesa uma taca de vidro imensa, e completamente vazia. Mara ficou em silêncio perguntando porque a cruz estava de cabeça para baixo, e porque aquilo tudo, tão diferente dela, que acreditava num senhor Deus dos Céus, Criador de todas as coisas. Sentiu vontade de sair correndo, mas ali estava seu filho, os olhinhos ainda fechados, algumas horas de idade apenas.

E era preciso salva-lo.

Esperou mais ou menos uma meia hora até que Rani entrasse, com a roupa do dia-a-dia, sem qualquer aparato especial. Mara ficou muito surpresa, esperava o Inferno se abrindo, o luxo da tragédia.

Rani sorriu. Tinha o sorriso muito agradável.

Em seguida pegou o cálice em cima da mesa e apertou-o com força de encontro ao corpo.

- Preciso de um pouco de sangue do menino - disse Rani, e Mara tremeu, porque não podia fazer mais nada. Carinhosamente a bruxa cortou com um canivete o antebraço da criança, deixando que algumas gotas escorressem para o fundo do cálice. Em seguida foi até o centro da sala e ofereceu o sangue à estátua do Tio, começando uma dança estranha, quase inacreditável, em que os movimentos não se faziam sentir e no entanto tinha-se a impressão de que tudo vinha abaixo.

Mara estava paralizada na cadeira, os olhos fixos no cálice que rodava pelas mãos de Rani. Tinha a impressão, tinha a certeza de que algo aconteceria, e ela não queria isto, não queria mais nada, apertava com vontade o pequeno crucifixo de ouro de encontro ao peito. A criança chorava por causa do ferimento, as velas tremiam, Rani corria como uma louca pela sala. Mara tinha medo.

Mara tinha pavor.

Raspt agitava-se sem cessar na cama. Tinha que contar a alguém. Ficar em silêncio naquelas circunstâncias significava Morte, visto que nada poderia ser previsto. O corpo estava todo ferido pela sensação das dôres. O que aconteceria depois?

Com a mão livre puxou um cigarro da mesa de cabeceira. Antes de coloca-lo na boca apalpou os chifres, notando um ligeiro desenvolvimento. Não conseguia - por mais que pensasse - explicar porque aquilo acontecera logo com êle. Se alguém era igual à Grande Maioria, êste alguém era Raspt. Porque êle o Escolhido?

O pensamento fêz com que um tremor percorresse seu corpo. Ser Escolhido significava ser escolhido POR ALGUÉM. Raspt acreditava em Deus, acreditava no Inferno.

Qual dos dois?

O homem era Criação de Deus. Nada mais.

E no entanto estava deitado, cordas tolhendolhe os movimentos, e antenas crescendo na testa. Era muito pouco provável que aquilo fôsse obra do Senhor.

E Raspt não merecia o Demônio.

Raspt era um homem bom, tinha feito o possível para ajudar os que estavam mais próximos. Dinheiro não ganhava tanto assim, mas palavras de consôlo nunca se negara a dar. Uma frase de esperança aqui, uma mensagem de fé ali. É bem verdade - claro - que cometera os pecados habituais, que todos cometiam desde...

Sim, Moisés!

Êle havia visto as fotos da escultura. O Moisés possuía chifres e era uma das mais famosas, das mais belas estátuas do mundo. Chifres como êle. Talvez Raspt não fôsse o Exilado, mas o Escolhido. O Único. O Homem da Fé no século da Descrença. O Homem da Razão no Momento da Loucura.

Êle havia visto as fotos da escultura.

Raspt sentiu o corpo encher-se de alegria. Tudo ficara explicado de repente. Não se perguntou porque tantas crianças haviam nascido com chifres. Não se perguntou mais nada - Raspt tinha a certeza de possuir a verdade.

Mara não conseguia se concentrar mais. Estava nervosa, inquieta, doida para sair e andar. Sim, estava com uma vontade imensa de andar, sem saber para onde e para quê. Mas Rani continuava sua dança, e se saísse agora, só faria piorar as coisas. Via os olhos da bruxa - jovem e bonita bruxa - com um brilho mil vêzes mais intenso que o sol. Via a estátua do Demônio fazendo perceptíveis movimentos, como se alguém estivesse ali. E o que era mais importante, o menino havia deixado de chorar. No fundo de Mara a tendência natural para a predestinação assomou com força.

Tudo estava consumado.

Raspt estourava de orgulho na cama. Tinha sido o Chamado. Daqui a pouco sairia para pregar a Última Verdade.

Mara olhou para o Diabo com um certo amor. Se êle havia feito aquilo com seu filho, Êle era parte dela também. E ela o amaria como Rani, que dançava lindo como a noite. Ela também dançaria diante dêle - se nada acontecesse com a criança.

E passando a mão na minúscula cabeça, notou com alívio que os chifres começavam a desaparecer.

Raspt rezava com o peito estourando. Sentia-se transfigurado, como o Moisés de Cecil B. de Mille, como o Moisés de Michelângelo. Raspt fôra o escolhido para guiar a Humanidade. Suas mãos tremiam ao tocar o rosto luminoso.

Com surpresa constatou dois fatos: não possuía luz no rosto. E os chifres haviam desaparecido.

Humildemente caiu de joelhos e agradeceu. Agora estava pronto. Poderia converter os Povos da Terra.

Mara sorria, pensando em fazer uma linda roupa de danças. Rani lhe ensinaria tudo.

=====